



É preciso um pouco de coragem

Cícero Alexsande dos Santos

José Saramago: literatura contra mercadoria,
de Jean Pierre Chauvin, São Paulo, Fonte Editorial, 2021, 120 p.

Apouco mais de um ano de se completar o centenário de nascimento do célebre José Saramago, Jean Pierre Chauvin – professor da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP – envolve-se na árdua tarefa de reunir seus escritos sobre o autor, com *José Saramago: literatura contra mercadoria*. Reunindo diversos escritos desde 2010, o que se percebe (supondo que escrever sobre o único escritor em língua portuguesa laureado com um Nobel traga suas dificuldades), o que se evidencia é uma leveza na leitura, como se ambos – Chauvin e Saramago – convidassem quem lê a um rico encontro. É a partir, inclusive, de uma crônica sobre encontros e desencontros que se evidencia a admiração do pesquisador pelo pesquisado.

O livro é, sem dúvida, um trabalho não só de alguém que admira, mas de um apreciador das belas letras, com olhar minucioso para os objetos que estuda. Nesse sentido,

Chauvin investe análise, comentário e crítica, respeitando o viés antimercadológico exposto no título. Ao longo dos dez textos, a crítica materialista-histórica da condição humana se faz presente em seus mais variados escopos, desde Engels, Bloch e Lukács – presentes tão logo quando o livro se abre – até as referências a que recorre como cabedal teórico, na construção generosa de sua argumentação; referências essas que caminham, também, sobre o olhar da clássica retórica e do estudo da estética. Os paratextos “Apresentação” e “Posfácio”, assinados por Márcia Valéria Zamboni Gobbi e Rejane Vecchia, respectivamente, também iluminam e muito contribuem na fatura da obra.

Nesse sentido, a coletânea de artigos proposta por Jean Pierre tem dois objetivos muito claros: apresentar Saramago a quem ainda não o conhece e elucidar (ou

CÍCERO ALEXSANDE DOS SANTOS

é mestrando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da FFLCH/USP.

fornecer caminhos interpretativos) a quem já está familiarizado com o escritor português há um quarto de tempo. Em ambos os casos, a proposta resulta bem-sucedida, devido à linguagem utilizada, que transita entre o universo da interpretação crítica e o literário. Ou, em suas palavras: “Dia desses, boto mais coragem em marcha e preencho um romance, com vistas a ampliar a galeria” (p. 12) – como se já não estivesse imerso nessa linguagem narrativa.

Nos dois primeiros textos – “Do livro ao blog e vice-versa” e “Livro sem estante” – Jean Pierre Chauvin introduz facetas de Saramago pouco conhecidas do público brasileiro: aquela do escritor que utiliza novas tecnologias; a explicitação do aspecto político como critério anticomercial. Na medida em que o blog *Caderno de José Saramago e O caderno* – volume físico dos escritos cibernéticos – são colocados em paralelo, o autor chama a atenção para os porquês da composição literária, numa época em que o mundo permite cada vez menos a ausência de posicionamento. Ele conclui que “a coexistência dos suportes movimenta o nome do escritor de um ambiente para outro” (p. 15); assim, dizendo coisas semelhantes, suas propostas são complementares. Levando em conta essa necessidade de se posicionar, o que se questiona no segundo capítulo é justamente o porquê de a publicação de *Folhas políticas* não ter sido realizada no Brasil simultaneamente a Portugal, em meados dos anos de 1990. Nada surpreendente observar que, assim como hoje, o Brasil do pós-ditadura não se acercava – ou pretendia não se aproximar – de alguém com a língua tão afiada como Saramago. Para além de oferecer respostas, Chauvin

questiona a recepção do público leitor e o papel do mercado editorial brasileiro.

É no terceiro capítulo que um dos recursos do pesquisador se revela: o de referenciar e aproximar diferentes produções literárias do escritor que analisa. Em “Insulamento, pulsão e ordem”, o que está em jogo é o protagonista de *Todos os nomes* – um cidadão que no alto da sua pequenez vê uma saída para o tédio do seu ofício. Propõe-se nesse texto, que é um dos mais importantes da coletânea, que esse livro de Saramago seja uma ruptura em sua própria tradição literária. Para Chauvin, não se trata mais de grandes espaços e personagens pequenas – como se vê em algumas obras da década de 1980 –, e sim de personagens ainda pequenas, mas submetidas a espaços cada vez mais claustrofóbicos, o que “parece guardar íntima relação com o grau de reflexão de determinados protagonistas” (p. 33).

Mobilizando o *Êxodo* 20:19 como epígrafe do quarto capítulo, intitulado “*Best seller* e engajamento”, Jean Pierre evoca o método dialético na ficção de Saramago: ora questiona quem lê, ora questiona a si própria; não sem antes interrogar boa parte do mundo. É nesse momento que se apresenta a ideia de que a literatura saramaguiana não serve a preencher o tédio, mas a colocar caraminholas – em sentido positivo, evidentemente – na cabeça de quem permite tê-las. Essas caraminholas são orquestradas por narradores perspicazes e personagens das camadas mais humildes e improváveis que se pode imaginar, capazes até de convidar quem lê a participar dubiamente da narrativa. Chauvin finaliza a seção com uma hipótese a ser pensada e repensada, tal qual a literatura do escritor português de Azinhaga: “A imaginação diverte, mas também emancipa” (p. 44).

É na estrada que pavimenta o livro de Jean Pierre que se encontra um capítulo intitulado “Narrativas da reificação”, onde são esmiuçadas as latitudes e longitudes dos contos “A autoestrada do sul”, de Julio Cortázar, e “Embargo”, de José Saramago. O princípio da verossimilhança é pressuposto como fator essencial para a compreensão das duas narrativas, já que a relação imediata com a realidade extradiegética parecia ser uma preocupação dos autores analisados, à época em que compuseram os seus textos. Ambos apresentam personagens que se apequenam diante de carros que se engrandecem, revelando diferentes faces dos objetos confundidos com os valores pequeno-burgueses. Assim, o engarrafamento na autoestrada ou o embargo, que resulta num automóvel independente, postos lado a lado, evidenciam que “não se trata de uma prisão forçada sobre rodas, como sugere Cortázar, mas de uma coação conduzida pela própria máquina” (p. 62), relembrando a importante reflexão de Emília Viotti da Costa¹ de que “a história é feita por homens e mulheres, embora eles a façam sob condições que não escolheram”.

Na segunda metade do volume, o pesquisador apresenta “Argumentação do Diabo”, capítulo que, na humilde opinião de quem escreve estas palavras, é o ponto alto do livro. Chauvin recorre ao pensamento de Marlise Vaz Bridi, ao afirmar que *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, por se tratar de um livro que traz à baila imagens cristalizadas no imaginário ocidental, inicia sua narrativa como a tela de Dürer, *Cru-*

cificação, produzida em 1508. No entanto, ao propor uma narrativa que simplifica as deidades – como um Jesus humanizado – e sobreleva personagens – uma Maria de Magdala com certa habilidade retórica –, o romance de José Saramago acaba por romper as molduras do quadro de Dürer, “como se a representação romanesca fosse mais realista que a imagem de quase cinco séculos atrás” (p. 78). Há um outro questionamento, com pistas para sua decifração: *O Evangelho* seria um romance histórico ou mitológico? O autor sugere que a obra esteja mais preocupada em contestar o dogmatismo, ou seja, “o questionamento é mais relevante que o dogma; a humanização é mais coerente que a providência; a narrativa é um dentre os discursos possíveis” (p. 81). A essa altura, Jean Pierre Chauvin reafirma o que pensa acerca da narrativa. Para ele, o narrador saramaguiano é multiforme e um bocado inteligente, para dizer o mínimo, pois está sempre atento aos tempos da enunciação.

O pesquisador esmiúça a análise desse narrador perspicaz, em um extenso bloco de ensaios, composto de “Dialética da cegueira” e de um longo, porém não exaustivo, exame sobre o *Ensaio sobre a cegueira*, em paralelo com *A peste*, de Albert Camus. Utilizando-se da refinada divisão da Retórica – com *R* maiúsculo –, o texto recorre a um procedimento metodológico que veio se maturando ao longo do livro. Para Chauvin, o fato decisivo é que, embora distintas, ambas as obras se circunscrevem a partir do mesmo universo: o do caos que uma pandemia pode provocar em uma sociedade. Ou os termos da equação (pandemia/sociedade) estariam ao contrário? Com perdão do gracejo, questiona-se em que medida as sociedades ali

1 *Coroas de glória – lágrimas de sangue: a rebelião dos escravos de Demerara em 1823*, trad. Ana Olga de Barros Barreto, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 19.

narradas já não se encontravam em meio às chagas. Tempo e espaço colocam-se à prova, também, segundo o entendimento de que, no *Ensaio*, “a cegueira transforma-se em ocasião para chacoalharem a vida sistemática” (p. 107), ao passo que n’*A peste* é “o tempo [que] adquire maior relevância que os espaços percorridos pelas personagens” (p. 107) – sugerindo-se, portanto, que a relação espacial é mais relevante no romance de Saramago. A dialética, sugerida no título dado ao ensaio, ajusta-se na medida em que as duas obras propõem cegueiras ideológicas que se constroem mais pelo excesso (de tudo e de nada) que pela falta.

Completando o trajeto, *José Saramago: literatura contra mercadoria* se encerra com dois textos breves e significativos: “Que farei com este texto?” e “Poética do desnorтеio”. Em ambos, parece que Chauvin tomou a coragem a que havia se referido em “Evoção”, no início do livro: o primeiro deles caminha livremente e parodia o volume *Que farei com este livro?*, de Saramago, condu-

zindo quem lê a uma viagem que não se sabe muito bem para onde vai, pois o percurso (e não a chegada) é o que mais interessa. Semelhante procedimento é adotado no capítulo subsequente – o último –, em que o pesquisador recupera livros e personagens anteriormente mencionados e os reúne numa crônica sobre o fazer prosaico-poético.

Assim, cabe dizer que o conjunto de textos que compõe o livro se desdobra numa generosa oferta a quem lê, permitindo interpretações polissêmicas. O que Jean Pierre promove, portanto, é a possibilidade de o leitor se questionar sobre Saramago, os mundos de outrora e o cenário de hoje, mais do que oferecer respostas de teor dogmático. Se ele abre o livro evocando o encontro (não efetivado) com o escritor – quando de sua vinda ao Brasil –, o que se revela ao encerrarmos a leitura de *José Saramago: literatura contra mercadoria* é que pelas palavras Jean Pierre Chauvin mantém constantes encontros com aquele que tanto admira, José de Sousa Saramago.